

Representação e Referência

Rafael Graebin Vogelmann¹, Kathrin Lerrer Rosenfield²



UFRGS
PROPEAQ

XXV SIC
Salão Iniciação Científica

CH - Ciências Humanas

¹ Autor, Filosofia, UFRGS
² Orientadora

1. INTRODUÇÃO

No início de sua obra “Languages of Art”, Goodman apresenta um argumento em favor da tese segundo a qual a relação entre uma imagem e aquilo que ela representa é uma forma de denotação, puramente convencional e independente de qualquer semelhança entre representado e representação. A relação de representação seria estabelecida por um sistema de correlação que conecta símbolos em um esquema simbólico a certos objetos.

Segue-se que, dado o sistema de correlação adequado, qualquer imagem pode representar qualquer coisa, de maneira que a semelhança não é condição necessária para representação.

A tese a ser defendida aqui é que Goodman falha em oferecer um argumento sólido em favor da tese de que a semelhança não é condição necessária para a relação de representação.

2. O ARGUMENTO

O argumento de Goodman começa considerando uma noção ingênua de representação formulada nos seguintes termos: “A representa B se e somente se A se assemelha a B”. Esse tratamento da relação de representação é rapidamente refutado mostrando-se que semelhança (em qualquer grau) não é condição suficiente para representação. Há uma série de casos nos quais pares de objetos muito semelhantes não representam um ao outro: nenhum dos automóveis numa linha de montagem representa qualquer um dos demais, por exemplo.

Esse tratamento ingênuo da representação falha pois não leva em conta que é condição necessária para que uma imagem represente um objeto que ela se refira ao objeto em questão de alguma forma e nenhum grau de semelhança é suficiente para estabelecer uma relação de referência. Além disso, semelhança também não é condição necessária para referência (nomes se referem a objetos sem ter nenhuma semelhança com estes). Goodman conclui daí que nenhum grau de semelhança é condição necessária para representação e sentencia “Denotação é o núcleo da representação é independente de semelhança” (Languages of Art, p. 5).

Mas como passamos das considerações de que (a) referência é condição necessária para representação e (b) que semelhança não é condição necessária nem suficiente para referência para a conclusão de que (c) semelhança não é condição necessária para representação?

3. OBJEÇÃO

Como apresentado o argumento é inválido. Apesar de A se referir a B ser condição necessária para A representar B e A ser semelhante a B não ser condição suficiente nem necessária para referência, é possível que A ser semelhante a B (assim como A se referir a B) seja condição necessária para A representar B. Isto é, é possível que A se referir a B e A ser semelhante a B sejam condições necessárias independentes para A representar B e que sejam condição suficiente apenas em conjunto.

Goodman poderia apresentar um argumento válido se tomasse a referência não só como condição necessária para representação, mas também como condição suficiente. Nesse caso, teríamos o seguinte: (i) A representa B se e somente se A se refere a B; semelhança não é condição necessária para referência, de maneira que (ii) se A se refere a B, A pode não se assemelhar a B; (iii) admitindo que A representa B, temos que (iv) A se refere a B e, então, (v) A pode não se assemelhar a B. Portanto, (vi) A representa B e A não se assemelha necessariamente a B, isto é, semelhança não é condição necessária para representação.

Contudo, Goodman não argumentou a favor do bicondicional (i), apenas em favor do condicional (a) segundo o qual se A representa B então A se refere a B. O outro condicional em (i) (“Se A se refere a B então A representa B”), segundo o qual referência é condição suficiente para representação é falso: nomes referem-se às coisas que nomeiam e nem por isso são representações dessas coisas.

4. CONCLUSÃO

Goodman, portanto, falha em oferecer um argumento sólido em favor da tese de que a semelhança não é condição necessária para a relação de representação.

Referências GOODMAN, N. Languages of Art: An Approach to a Theory of Symbols, 2nd edition, Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1976.



**MODALIDADE
DE BOLSA**

BIC UFRGS